

FRUTICULTURA EM MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO - KIWI -

I - Caracterização da exploração

1. Produtor

Nome - Rute Jesus Oliveira Cruz.

Idade - 29 anos.

Formação académica - Licenciatura em Engenharia Agrícola pela Universidade de Trás-os-Montes (UTAD).

Formação profissional - Curso para Técnicos em MPB, Curso de Viticultura em MPB, Curso de Comercialização e Marketing dos Produtos de AB, Curso de Conservação e Transformação dos Produtos de AB.

A produtora é co-proprietária da exploração com os irmãos, sendo arrendatária da área destinada à horticultura.

Profissionalmente divide o tempo entre a agricultura e o pequeno comércio familiar, actividades de onde tira todo o seu rendimento.

2. Exploração

A exploração localiza-se no lugar de Cruz, freguesia de Anais, concelho de Ponte de Lima.

A sua conversão à AB, iniciada em 2003, foi entretanto concluída.

Faz parte da Associação dos Agricultores Biológicos de Portugal).

A entidade certificadora (OPC) é a CERTIPLANET.

Dada a sua formação, a própria produtora assume as responsabilidades técnicas da exploração, embora troque ideias com outros técnicos e agricultores seus conhecidos. É assinante dos Avisos Agrícolas, serviço com o qual mantém colaboração na monitoragem da traça-da-uva com armadilha sexual.

A exploração tem a área total de 2,85 ha, totalmente convertida ao MPB, repartindo-se por cinco parcelas e árvores dispersas, contíguas ou muito próximas: vinha (1,12 ha); actínídea (0,23 ha); hortícolas (0,88 ha); árvores de fruto diversas (0,25 ha); povoamento florestal misto (0,37 ha). Nestas últimas rubricas incluem-se citrinos e castanheiros (Quadro 1 e Figura 1).

Quadro 1 - Parcelas constituintes da exploração

Nº	Nome	Cultura	Área
1	Longra	Vinha	0,34
2	Campo Grande	Vinha	0,56
3	Campo do Cruzeiro	Actinídea	0,23
4	Leiras do Portal	Vinha	0,22
5	Horta	Árvores de fruto	0,25
6	Barranqueiro	Floresta mista	0,23
7	Terras Novas	Floresta mista	0,14
8	Leiras do Pinheiro	Hortícolas	0,88



Figura 1 - Parcelas constituintes da exploração.

As análises ao solo, feitas em 2001 (vinha e actinídea) e em 2006 (hortícolas), mostram ser o terreno de textura fina ou média, pouco ácido ou ácido (pH em H₂O), com teores altos ou muito altos de MO e potássio. Os teores de fósforo são, também, altos ou muito altos, excepto na parcela de vinha nº 2, onde é muito baixo.

O parque de máquinas inclui tractor, grade de discos, retrofresa, escarificador, triturador de martelos, pulverizador de jacto projectado, pulverizador de jacto transportado (turbina) e polvilhador. Existe, também, uma charrua velha, pouco utilizada. Todas as máquinas pertencem à exploração e estão pagas, não sendo habitual a sua cedência a terceiros.

Na exploração existe computador com acesso à internet. Dispõe, também, duma câmara frigorífica própria, a qual é usada para conservação dos kiwis entre a colheita e a venda.

Toda a mão-de-obra é familiar.

A produtora não está licenciada com transformadora de nenhum produto.

2.1. Caracterização do itinerário técnico das culturas

2.1.1. Vinha

A vinha está implantada em parcelas onde, anteriormente, eram feitas culturas arvenses (azevém, milho...), à excepção da parcela nº 4, onde havia floresta.

A plantação foi feita em 1993, comportando mais de 1.100 plantas, no total, adquiridas ao Engº Ferraz Machado (garfos) e à EVAG (porta-enxertos).

As plantas são todas da variedade Loureiro, enxertadas em 196-17, sendo o sistema de condução o cordão simples (parc. 1 e 2) e o cordão sobreposto (parc. 4). As parcelas não são regadas.

A fertilização de fundo foi feita com estrume de bovino, calcário, fósforo e potássio. Nas fertilizações de cobertura tem sido usado bagaço de uva e o adubo mineral Patent-PK. Em 2006 fez-se sementeira de gramínea e leguminosa para futura sideração. Não têm sido aplicados compostados, nem se faz fertirrigação.

Além da poda de Inverno, é feita despona, desfolha e/ou monda de cachos no Verão. A lenha da poda é destróçada com o triturador de martelos e deixada no solo, operação através da qual se incorpora matéria orgânica no solo, restituindo-lhe parte dos nutrientes retirados pela cultura. Faz-se a marcação de plantas doentes ou suspeitas, podando-as depois à parte. Já tem sido feita a desinfecção das tesouras de poda com lixívia.

Além do controlo natural, feito por dois burros, no Inverno, no combate à flora adventícia usam-se o triturador de martelos (na entrelinha) e a charrua (na linha), sendo o trabalho desta completado manualmente. A recente cobertura vegetal com gramínea e leguminosa também poderá contribuir para este efeito.

Os principais problemas fitossanitários na vinha são o míldio e o oídio, sendo os únicos que obrigam a tratamentos regulares todos os anos (numa escala de incidência de 0 a 3, foi atribuído o grau 3 ao primeiro e o grau 2 ao segundo).

Fazem-se anualmente, em média, 4 a 5 tratamentos mistos anti-míldio e anti-óidio. Os fungicidas usados são o cobre, o enxofre e a argila. Em 2006 o doseamento total de cobre na vinha foi de 3 kg/ha. O enxofre é aplicado na forma de pó molhável (primeiros 2 tratamentos, antes da floração) ou de enxofre polvilhável (1-2 tratamentos seguintes, à floração e/ou depois da floração). Os tratamentos com argila, destinados, também, ao óidio, são feitos depois do bago ervilha, com ou sem enxofre em pó misturado (1-2 tratamentos). As máquinas usadas nestes tratamentos são a turbina e o polvilhador.

A maturação das uvas é avaliada com recurso a um mostímetro. O técnico da adega faz, também, avaliação com refractómetro. A vindima é manual e feita, normalmente, entre fins de Setembro e início de Outubro. As produções totais obtidas foram 4.082 kg (2005) e 7.000 kg (2006), ou seja, respectivamente, 3.645 kg/ha e 6.250 kg/ha.

2.1.2. Actínídea

O pomar está implantado numa parcela onde, anteriormente, eram feitas culturas arvenses (azevém, milho...).

A plantação foi feita em 2000, comportando 76 plantas, as quais foram adquiridas nos Viveiros Ribadouro.

As plantas são da variedade Hayward, sendo o sistema da condução a cruzeta, no compasso de 5x5 metros. Os pés machos são em número de 6, ignorando-se a variedade.

A rega é feita por micro-aspersão, sendo a água de mina. Em tempos fez-se o cálculo teórico das necessidades de rega, em função das necessidades da planta, mas hoje não se faz, tal como o controlo da água debitada na rega. Também não se faz fertirrigação. Nunca foi feita análise à água.

A fertilização de fundo foi feita com estrume de bovino, calcário, fósforo e potássio. O estrume de bovino proveio duma exploração leiteira extensiva (misto pastagem e estabulação). Nas fertilizações de cobertura tem sido utilizada uma mistura de mato com estrume de ovelha, colocada ao pé das plantas, no Inverno. Na Primavera de 2005 foi aplicada matéria orgânica líquida constituída por um extracto de beterraba (MOL), produto oriundo da indústria açucareira (RASP). Não foram aplicados compostados, nem se faz fertirrigação.

A poda de Inverno é feita manualmente, sendo a lenha retirada do pomar e queimada. Esta prática, embora não interdita em MPB, não é aconselhável, pois não salvaguarda a restituição ao solo de nutrientes, o que seria conseguido com a trituração da lenha de poda e sua incorporação no terreno. Na impossibilidade de deixar a lenha inteira no pomar, dado o obstáculo que representa à circulação das máquinas, a produtora pensa alugar um triturador apropriado para a destroçar (o actual, usado na vinha, não se adapta ao pomar, dado o volume de lenha ser aqui maior).



Figura 2 – Pomar de kiwis

Não é feita polinização artificial nem nenhuma outra prática para induzir maior frutificação ou aumento do calibre do fruto. Em 2007 serão instaladas colmeias.

Além do controlo natural, feito por dois burros, no Inverno, no combate à flora adventícia utiliza-se o triturador de martelos (na entrelinha) e a mobilização manual (na linha). No início fez-se a cobertura do solo com sementeira de azevém e trevo vermelho, mas o pastoreio das ovelhas acabou por destruí-la.

Não foram registados problemas fitossanitários nesta cultura, nem utilizados quaisquer meios de luta.

A monda de frutos e a colheita são feitas manualmente, ocorrendo esta em fins de Novembro ou início de Dezembro. As produções obtidas foram 1.624 kg (2005) e 552 kg (2006), ou seja, respectivamente, 7.061 kg/ha e 2.400 kg/ha.

2.1.3. Hortícolas

A parcela dedicada à horticultura, antes ocupada com culturas arvenses e vinha de ramada, está agora em pousio, pois a produtora pensa convertê-la à cultura de aromáticas.

As culturas ali feitas foram: alface, feijão-verde, pepino, pimento, beringela e tomate (estufa); abóbora, batata e couve (ar livre). Foi praticada a rotação cultural.

A rega era feita gota-a-gota ou por aspersão, sendo a água de mina. Não foram feitas análises à água.

Na fertilização utilizaram-se diversos produtos, nomeadamente estrume de ovelha, de aves e de cavalo, e compostado de matos proveniente da limpeza dos valados.

A gestão da flora adventícia era feita por mobilização do solo manual ou com o sachador. Na estufa utilizou-se, também, a cobertura do solo com plástico (ex: alface).

Os problemas fitossanitários foram muitos, nomeadamente míldio (batata e tomate), oídio (cucurbitáceas), afídios, aranhão vermelho (feijão e pimento), mosca branca, lagartas da couve e tripses. No combate a estes inimigos utilizaram-se múltiplos produtos, nomeadamente chorume de urtiga (afídios e ácaros), rotenona (insecticida de largo espectro) e sabão de potássio (afídios, mosca branca, tripses, ácaros...). Usaram-se, também, armadilhas cromotrópicas amarelas e azuis na estufa, para captura em massa de insectos, bem como armadilhas sexuais para as lagartas da couve. Fizeram-se, ainda, largadas de auxiliares, nomeadamente *Adalia bipunctata* (contra afídios) e *Phytoseidus persimilis* (contra ácaros).

2.1.4. Destino das produções

Quase toda a produção é canalizada para grossistas ou transformadores e lojas da especialidade.

As uvas são, habitualmente, vendidas à Adega Cooperativa de Ponte de Lima, mas em 2006 foram-no a um produtor-engarrafador (Anselmo Mendes). Só neste último ano foram valorizadas enquanto produção biológica.



Figura 3 – kiwis

Os kiwis são vendidos ao distribuidor Frutas Douro ao Minho.

As hortícolas eram vendidas a grossistas (ex: Mandrágora) e a lojas da especialidade.

O refugio é para autoconsumo, assim como a castanha e os citrinos, embora também estes sejam produzidos em MPB.

2.2. Caracterização do itinerário técnico das produções animais

Presentemente a exploração não faz produção animal para o mercado. O porco, as aves e os coelhos, criados em capoeira, destinam-se a autoconsumo.

3. Promoção e comercialização

Não é feita qualquer promoção dos produtos pela produtora, limitando-se esta a entregá-los no comprador, a granel.

II - Dificuldades sentidas pelo produtor inerentes ao MPB

O financiamento é sentido como uma das principais dificuldades, devido aos juros elevados. O único financiamento de que a produtora beneficiou foi o 797, para implantação da vinha. Presentemente, gostaria de poder ser financiada na conversão à produção de aromáticas, em substituição das hortícolas, que entretanto abandonou.

A aquisição de factores de produção, hoje feita nas casas André Silva (Rio Tinto) e Caldas (Ponte de Lima), nem sempre é fácil.

Apesar da sua formação, a produtora sente, por vezes, falta apoio técnico específico para resolver determinados problemas. Não se trata tanto de acompanhamento técnico presencial, mas mais falta de informação técnica sobre o MPB.

A qualidade dos produtos é boa, mas algumas coisas poderiam ser melhoradas quanto ao aspecto visual, tais como o calibre dos kiwis ou a deformação dos tomates e pimentos, devida a certas pragas.

O problema maior é, segundo a produtora, o circuito de comercialização. Os produtores são poucos e muito dispersos, carecendo duma organização que permita a concentração dos produtos. A distribuição pelo produtor, a lojas ou particulares, porta a porta, é demasiado dispendiosa e não compensa. O escalonamento das produções, consoante as exigências do mercado, é outro aspecto importante, que poderia ser resolvido com a criação duma organização da produção.

Segundo a produtora, os três principais problemas de que enferma o MPB são os seguintes, por ordem decrescente:

- 1º) Falta de coordenação para conseguir o escalonamento das produções, de forma a disciplinar a oferta e responder melhor às exigências do mercado;
- 2º) Produção pouco volumosa e muito dispersa, carecendo de ser concentrada para mais fácil e rentável distribuição (com os factores de produção coloca-se o mesmo problema: é preciso concentrá-los em determinados pontos de abastecimento, mais acessíveis que os actuais);
- 3º) Falta informação técnica específica para resolver determinados problemas, mais complicados.

Questionada sobre as razões que a levaram a desistir da horticultura, a produtora apontou as dificuldades na comercialização (quantidades de produto demasiado pequenas e consumidores demasiado longe e dispersos) e na resolução de problemas fitossanitários (problemas difíceis de resolver em tempo útil).

Numa escala de 0 a 5, a produtora considera que a sua satisfação com o MPB se situa no grau 3.

III - Perspectivas de futuro

Os problemas apontados como mais importantes (concentração de produtos e factores de produção e medidas disciplinadoras da produção) só serão resolvidos com a criação duma entidade associativa (cooperativa) que represente os produtores. Essa criação deve ser da iniciativa dos próprios produtores, cabendo ao Estado apenas orientar procedimentos e agilizar processos inerentes à prossecução daquele objectivo.

Quanto à informação técnica; por um lado, é preciso que as estruturas do MADRP ligadas à investigação e experimentação vençam preconceitos e comecem, finalmente, a encarar com seriedade a via AB, iniciando linhas de trabalho nesta área; por outro lado, é necessário fazer chegar aos produtores mais e melhor informação sobre o que se faz no país e no estrangeiro em matéria de técnicas em MPB.

No que se refere, em particular, à exploração aqui analisada, julgamos importante dizer o seguinte:

A exploração parece-nos equilibrada e cumpridora das normas legais estabelecidas para o MPB, mas merece-nos alguns reparos:

- 1º) Deve ser feita análise à água de rega, que nunca foi efectuada;
- 2º) Devem ser repetidas as análises ao solo, na vinha e no pomar de kiwi, uma vez que já foram feitas em 2001;
- 3º) Deve ser banida a prática de queimar a lenha de poda da actínídea, a qual deve ser destruída e enterrada no próprio pomar;
- 4º) É aconselhável promover algumas práticas tendentes a aumentar a produção de kiwi, naturalmente respeitadoras do MPB, tais como: poda mais longa, polinização artificial (o pólen deverá ter origem em MPB), polinização por abelhas (instalar colmeias) e/ou incisão anelar.